

TECELÃS DE SUAS HISTÓRIAS, BORDADEIRAS DE MEMÓRIAS: RESENHA DO LIVRO "O FIO DE FILOMENA"
Weavers of their stories, embroideers of memories: review of the book "O fio de Filomena"

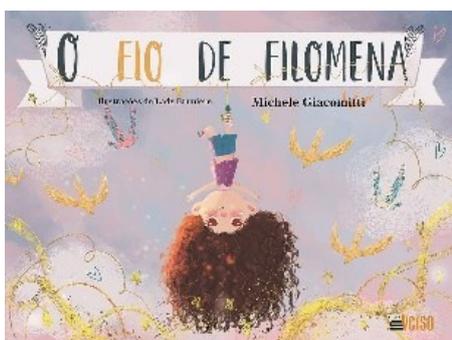
Carina Ferreira dos SANTOS

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul
Santa Cruz do Sul, Brasil
carinafsantos@mx2.unisc.br
<https://orcid.org/0000-0001-7084-5867> 

Ângela Cogo FRONCKOWIAK

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Universidade de Santa Cruz do Sul
Santa Cruz do Sul, Brasil
acf@unisc.br
<https://orcid.org/0000-0001-7949-2519> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



GIACOMITTI, Michele. **O fio de Filomena**. Curitiba: InVerso, 2021, p. 36

RESUMO

Essa escrita propõe interrogar, a partir da obra *O fio de Filomena*, de Michele Giacomitti, a infância como uma força temporal que alarga o horizonte, uma presença enigmática ao longo da vida humana, que inaugura começos na experiência de aprender como se fosse a primeira vez. A reflexão inicia pelos começos inaugurados pela autora e psicóloga Michele Giacomitti, pela iniciativa de dar vida a singular história de Filomena, ao tecer a narrativa entre uma mãe e uma filha. A invenção desta relação permite que Michele borde outros significados não só na ação de compreender crianças pequenas na clínica psicológica, mas também nos começos inaugurados na maternidade. Propomos suspender o tempo cronológico para habitar uma intensa duração no instante presente, uma temporalidade não numerável, uma infância como condição da experiência humana. A infância que permanece em nós potencializa inícios na experiência de tecer um fio que conduz a imprevisibilidade do encontro com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Começos narrativos. Educação leitora.

ABSTRACT

Through the work *O fio de Filomena* by Michele Giacomitti this writing proposes to interrogate childhood as a temporal force that broadens the horizon, an enigmatic presence throughout human life, which inaugurates beginnings in the experience of learning as if it were the first time. The reflection commences with the beginnings inaugurated by the author and psychologist Michele Giacomitti, with the initiative to bring to life the unique story of Filomena, by weaving the narrative between a mother and a daughter. The invention of this relationship allows Michele to embroider other meanings not only in understanding young children in psychological clinics but also in the beginnings inaugurated in motherhood. We propose to suspend chronological time to inhabit an intense duration in the present moment, a non-numerable temporality, a childhood as a condition of human experience. The childhood that remains in us enhances beginnings in the experience of weaving a thread that leads to the unpredictability of encountering the other.

KEYWORDS: Childhood Narrative. Beginnings Reading. Education.

INTRODUÇÃO

O fio de Filomena, publicado pela InVerso em 2021, é o primeiro livro escrito pela psicóloga Michele Giacomitti. Trata-se de uma obra de literatura infantil, prosa poética que, pulsante, adentra o espaço do poema narrativo, ancorando o ritmo nas rimas externas e internas, através das quais, em diálogo, a voz narrativa enreda-se ao cordão da viva voz da personagem Filomena e à gênese de nosso fio ancestral. Assim, misturam-se o cordão umbilical ao traçado de linhas históricas e narrativas que inevitavelmente narram toda a humanidade: “Era um fio, fio diferente / Fio que ligava gente. Resistente! / Um fio com cara de dilema. O fio de Filomena” (Giacomitti, 2021, p. 6).

O livro, por isso mesmo, nos trama, já que sua beleza é dada pela estética atravessada pela padronagem de cores, projeto gráfico de Lady Bruniere, *digital artist* brasileira, designer de padrões e responsável pela delicadeza das ilustrações,¹ e pelo fio brilhante que percorre do início ao fim os diálogos, constituindo-se como articulação entre o verbal e o visual. A obra é iniciada pelos agradecimentos – ou quando nascia no pensamento a intenção de tecer essa história, esse fio (des)enrolado no encontro

¹ Mais informações sobre a artista, nascida no Amazonas, estão disponíveis em: <https://ladybruniere.com/about-me>. Acesso em: 4 nov. 2024.

humano, seguida do prefácio e finalizada com a apresentação da ilustradora e da autora, totalizando 36 páginas.

O prefácio do livro, escrito pela psicanalista Ana Suy Sesarino Kuss (2021, p. 5), nos convida de imediato a interrogar os começos trançados a partir do nascimento de uma filha e, conseqüentemente, de uma mãe. Quando nasce uma filha, nasce uma mãe. Há um elo que as une, no momento em que “uma mãe e uma filha tecem e trançam suas faltas, fazendo nascer, assim, o amor em sua modalidade mais nobre: o amor que, topando perder, ganha”, afirma a psicanalista.

Para o filósofo Jorge Larrosa (2019, p. 233), “o nascimento de uma criança é um acontecimento”, a inauguração de começos linguageiros, porque habitamos o mundo pela possibilidade enigmática de nos expormos às palavras e aos gestos do outro. O autor aponta a importância de nos colocarmos à disposição para receber e dar “atenção à presença enigmática da infância, a esses seres estranhos dos quais nada se sabe e a esses seres selvagens que não entendem nossa língua” (Larrosa, 2019, p. 232). Em sintonia com essa percepção, afirma Kuss (2021, p. 4):

Quando estava grávida da minha filha, lembro de escutar com imensa estranheza a famosa pergunta: “e quando ela chega?”

“Ora, ela já está aqui”, eu pensava.

Um bebê, quando chega nascido, no melhor cenário não é o bebê esperado e idealizado, mas é o bebê que ele ou ela é.

O trabalho de se separar de quem estava dentro de si não é tarefa simples, embora fundamental, para dar lugar ao bebê que chega.

O nascimento da filha de Michele provoca nela um outro respiro pela vida, motivo pelo qual surge esta obra, após a chegada de Lorena, a qual germinou a possibilidade de que a autora retornasse a lugares de sua infância. *O fio de Filomena* inaugura, como diz Bachelard (1988, p. 131), “uma infância que não cessa de crescer” em nós. E assim como os poetas sentem-se entusiasmados pelas palavras, Michele devaneia através delas, inspirada pela experiência inaugural da maternidade. Ela a percebe enquanto um *fio* que resgata suas inquietações e admiração pelas palavras, como se fosse a primeira vez. A permanência da infância em nós potencializa outros inícios ao longo da vida, como um *fio* que nos conduz a revivê-la enquanto energia sempre recomeçada.

O fio de Filomena nada mais é do que um devaneio² narrado por Michele a partir da inauguração de um tempo ainda não nomeado. A chegada de uma criança no mundo configura outra relação com o tempo, pois “o nascimento não é um momento que se

² Bachelard (1988, p. 15) aponta que “o devaneio nos põe em estado de alma nascente”.

possa situar numa cronologia, mas aquilo que interrompe toda cronologia” (LARROSA, 2019, p. 234). Na descontinuidade do tempo, emerge o tempo de infância, encontro com o inacabado, imprevisível. O atravessamento por esta temporalidade aparece como um *fio*, um mapa ou espaços entrelaçados, algo que os une, assim como acontece entre uma mãe e um filho. Prefaciou Kuss (2021, p. 4):

Seria ingenuidade pensar que mãe e filho se separam no parto; é o contrário, como bem diz Michele: “promove um lindo encontro / ao invés de separação”.

O cordão umbilical, aos ser cortado, transforma-se em um potente cordão de amor, que será lapidado em um precioso fio.

Para Bachelard (1993, p. 35), ao adentrarmos no nosso devaneio, confluímos em direção à infância, que é maior que a realidade. “É no plano do devaneio, e não no plano dos fatos, que a infância permanece em nós viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente, preservamos a poesia do passado”.

Seremos capazes de mergulhar nas raízes da “árvore do nosso destino” somente neste infantil aprofundamento poético. Onde nos leva a infância? Não se sabe se seremos capazes de responder a essa pergunta, justamente por ela ser bússola no caminho inscrito pela infância, trilhado ao longo da experiência humana no mundo. Segundo Larrosa (2019, p. 176), “o que se busca é a pergunta à qual os textos respondem”, em outras palavras, “a pergunta que os textos abrigam no seu interior”. Tal interrogação norteia o caminho traçado pela autora na narrativa tecida por Filomena com a mãe.

A infância levou Michele a lugares surpreendentes. Embora tenha retomado seu próprio tempo de infância com a chegada de sua filha, a autora já apresentava interesse pela temática da infância antes mesmo de ingressar no curso de Psicologia, em 2008, com a intenção de atuar na clínica com crianças. Mobilizada pela curiosidade, condição de todos os começos, Michele estava impactada pelo enigma da infância, inquietação que se alarmou com a chegada de Lorena. Ainda que apoiada no saber psicológico e na experiência clínica com crianças pequenas, a chegada de uma criança inaugura um novo início para a autora, conforme Larrosa (2019, p. 232), algo que “nunca é o que sabemos”, nem “aquilo apreendido pelo nosso poder”.

Walter Kohan (2004) problematiza se de fato somos capazes de nos interrogar sobre nossa relação com a infância, curioso sobre o que de infantil nos atravessa. Costumamos pensar a infância como uma etapa da vida, de outro modo, o filósofo compreende a infância como uma condição da experiência humana, uma força temporal que alarga o horizonte pela intensidade da duração. Estamos falando do tempo aiônico,

uma intensa duração que emerge no instante presente, uma temporalidade não numerável, justamente pela infância não ser apenas uma questão cronológica.

Como encontramos a infância? A infância é um lugar? Conforme Kohan (2004, p. 59), admirado pela poesia de Manoel de Barros, “o que ao poeta interessa especialmente achar são lugares onde se encontra a infância” ao afirmar que “a memória não apenas inventa, mas também encontra”. Na mesma direção, Michele se (re)inventa no encontro com a filha, assim como inventa o encontro de Filomena com a mãe, já que toda infância pode ser reimaginada pela “possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios”, uma infância “sempre viva, fora da história [...]”, que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação – ou seja, nos instantes de sua existência poética” (Bachelard, 1988, p. 94).

A autora escreve sobre os começos dos encontros ou sobre os encontros dos começos? De qualquer forma, a obra *O fio de Filomena* constitui uma narrativa que ilumina os instantes dos começos e dos encontros por um fio, diferente, de conexão, potência e resistência. Um fio desafiador e acolhedor que expressava amor. Ainda no prefácio, Kuss (2021, p. 5) devaneia sobre o amor:

A fantasia amorosa sustenta a ideia de que amar completa, preenche, elimina a falta. Michele, atravessada pela psicanálise, munida de sua trança freudiana, escreve gentilmente aqui para nós, que é o contrário. O amor dá notícias da falta, da incompletude, da necessidade de um terceiro que marque um intervalo entre um e outro.

Perto, quando é perto demais, fica longe.

O amor precisa de espaço, precisa de fio.

Agora, sabemos que o amor precisa de fio e o fio precisa ser tecido por palavras e gestos. O interesse de Bachelard (1990, p. 33) pela imagem³ poética caracteriza “uma relação direta de uma alma à outra”. Situamos a relação de Filomena com a mãe, uma humana conexão capaz de escutar e acolher os começos vividos por ambas. Filomena, imersa no acontecimento linguageiro⁴, faz de seu corpo uma interrogação desde o útero da mãe:

“De onde vem? Pra onde vai?
Esse fio que está bem ali
será que continuamos ligadas
mesmo quando eu sair daqui?” (Giacomitti, 2021, p. 9).

³ Para Bachelard (1988, p. 15), “o essencial é que uma imagem seja acertada. Pode-se esperar, então, que ela tome o caminho da alma, que não se embarace nas objeções do espírito crítico, que não seja detida pela pesada mecânica dos recalques. Como é simples reencontrar a própria alma no fundo do devaneio!”.

⁴ Para Merleau-Ponty (1991, p. 94), “há uma significação ‘languageira’ da linguagem que realiza a mediação entre a minha intenção ainda muda e as palavras, de tal modo que minhas palavras me surpreendem a mim mesmo e me ensinam o meu pensamento”. Corpo como linguagem.

Embora os especialistas compreendam a vida humana a partir das fases e idades, estamos propondo aqui o exercício de suspender o tempo sequencial/cronológico para honrar nossa relação intensiva com o movimento circular que é a vida. O fio de Filomena poderia ser uma invenção para firmar uma extensão-conexão na relação com a mãe ao longo da vida, ao invés de separação. Defensora deste fio, descreve Filomena:

Mais largo que o fio dental. Mais complexo que fio da meada.
Mais ligado que fio elétrico.
Mais resistente que fio de cipó.
Lá estava o fio a pulsar...
... até chegar Dr. Juarez e logo inventa de cortar!

“Como ousa nos separar?” (Giacomitti, 2021, p. 10).

O que Filomena ainda estava por aprender era que o corte não rompe com o amor que há entre ela e a mãe, pelo contrário, “a gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas”, como diz Manoel de Barros no poema *Achadouros* (2003). Antes de uma conhecer a face da outra já havia amor entre elas, um amor não apenas descoberto, mas inventado por elas. O tamanho deste amor, para Kohan (2004 p. 59), “quer dizer força, potência, alegria”, porque, “a intimidade indica uma relação potente, alegre com os outros, com o mundo”. Michele Giacomitti (2021, p. 13) afirma: “mal sabia Filomena que o tal fio, ao ser cortado, / não leva embora a questão, / mas promove um lindo encontro / ao invés de separação”.

A narrativa de Michele Giacomitti permanece como um devaneio voltado para a infância, como assume Bachelard (1988, p. 97), “nos restitui à beleza das imagens primeiras”, como se fosse a primeira vez. A infância que dura em nós como abertura para a vida toma a palavra e, ao abraçar a palavra, “não se sabe o que se quer dizer. Mas se sabe o que se quer: dizer” (Larrosa, 2019, p. 182). A incompletude do fio de Filomena potencializa as imagens primeiras e o por-vir da palavra. Os fios que imaginamos para representar nossas imagens com a realidade são amarras que precisam ser cortadas “para entrar no reino do poético”, de acordo com Bachelard (1990, p. 129). A disponibilidade em estarmos abertos possibilita habitamos no tempo de infância, instante presente pela intensidade da duração, “uma eternidade que vive” (Bachelard, 1990, p. 72).

O corte do fio fortalece o detalhe da imagem, pois imprime poeticamente a sutileza e o vigor desse valor que ressoa em nós (Bachelard, 1990). Qual será a imagem primeira de Filomena ao chegar no mundo?

O cheirinho da mamãe... o calorzinho da pele na pele.
A voz que Filó tanto amava. Tinha como ser mais perfeito?
Pelo olhar de sua mãe, que a vestiu de sentimento,
viu que o fio mudou de forma:
virou chamego, xodó e sustento. (Giacomitti, 2021, p. 14).

A narrativa de Michele dá vida ao olhar sensível e poético de Filomena, que consegue sentir o fio tomando outra forma. Todos os sentidos são a florados pela novidade e imprevisibilidade do encontro. Embora sua chegada no mundo tenha sido inquietante, Filomena não demora a perceber a existência da mãe pelo cheio, pelo toque, pela escuta. Mais do que isso, a menina sente a própria existência diante dos olhos e das palavras narradas por quem a vê e a situa no mundo. Ou seja, passamos a compreender nossa existência pelo olhar e palavras do outro, pela chegada no mundo (nosso e, especialmente do outro), e não apenas no ato físico de nascer. O que se leva da relação maternal vai além das funções fisiológicas supridas, levamos o que se estruturou como sustentação afetiva, o abrigo achado no olhar e nas palavras do outro.

Somos capazes de reimaginar nossas imagens a partir desta conexão, da união destes sentidos inaugurados na experiência humana. Para Bachelard (1990, p. 44), "é um destino normal da palavra fluir em novas imagens", como "a infância vê o Mundo ilustrado, o Mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras. O grande outrora que revivemos ao sonhar nossas lembranças de infância é o mundo da primeira vez" (Bachelard, 1988, p. 112). O filósofo busca a verdadeira imagem poética, tanto que problematiza a tradicional ciência psicológica, que investiga a causalidade dos acontecimentos. *O fio de Filomena* é uma obra que aborda a singularidade desta conexão, a ressonância⁵ no encontro de Filomena com a mãe. As imagens da mãe que repercutem em Filomena dão início a oportunidade desta reimaginar outras, devanear, apropriar-se de seu mundo para ser capaz de tecer o fio de modos diferentes:

Às vezes, fininho e comprido,
outras vezes, largo e encolhido.
Ora todo embolado,
ora soltinho e engomado. (Giacomitti, 2021, p. 18).

"Às vezes, o fio enrolava... amarrava e dava nó" (Giacomitti, 2021, p. 21). Reimaginar imagens implica assumir o nó que habita entre nós humanos. O fio nada mais é do que uma ponte que une imagens-sentidos, que alarga o devaneio na extensão do que aparece diante de nós. O fio também suscita nossa co-implicação no mundo, justamente por não estarmos sós. Como diz Marina Colasanti (2012, p. 19), "o que

⁵ "O fenomenólogo pode despertar sua consciência poética a partir de mil imagens que dormem nos livros. Ele ressoa à imagem poética no sentido mesmo da "ressonância" fenomenológica" (Bachelard, 1988, p. 7).

havia era um coro de vozes, profusão de livros ao meu redor e ao meu dispor, me atraindo várias direções”. Imagine pensar como seríamos sem as imagens daqueles que vieram antes de nós?

Para além das memórias lembradas e narradas,

[...] contadas por nós mesmos e pelos outros, por todos os que nos ensinaram como éramos na primeira infância, devemos redescobrir o nosso ser desconhecido, súpula de todo o incognoscível que é uma alma de criança. Quando o devaneio vai tão longe, admiram o-nos do nosso próprio passado, admiram o-nos de ter sido essa criança. Horas há, na infância, em que toda criança é o ser admirável, o ser que realiza a admiração de ser. Descobrimos assim em nós uma infância imóvel, uma infância sem devir, liberta da engrenagem do calendário. (Bachelard, 1988, p. 111).

Se retirarmos de nossa vida todos os adjetivos e afetos que nos foram atribuídos, leituras e palavras que nos atravessaram, teremos conhecimento do que irá sobrar de nós. Despida dessas afeições, a existência humana será o que nós teríamos sido sem todas estas coisas, como menciona Colasanti (2012, p. 20) ao perceber que, em relação à sua dedicação às leituras e aos livros, “o que sobrar será o que eu teria sido sem eles, e me dará a justa medida do que fizeram por mim”. Habitamos no tempo de infância pelos inícios vividos, pela condição plural, tanto pela imensidão que há dentro de nós, quanto pela multidão que nos rodeia, capaz de ser abrigo no enredo que estrutura a experiência de compartilhar a vida. Quando acontecia do fio enrolar e formar um grande rolo de frustrações, Filomena contava com a presença do pai, dos avós, da vizinha. “Todo mundo tentando ajudar!” (Giacomitti, 2021, p. 22).

“Logo as duas se entendiam. Outros risos elas teciam. As amarras desfaziam” (Giacomitti, 2021, p. 25). O fio persiste no amor que há na relação entre Filomena e a mãe, tanto que a menina sente o fio esticar demais quando a mãe precisa sair para trabalhar. “O que faço com o fio quando ela não está?”, ruma Filomena (Giacomitti, 2021, p. 26). O que permanece quando a mãe não está? Há tempo de infância para Filomena reaprender a aprender e reimaginar outras imagens. Esse é o vigor dessa e de todas as narrativas que conseguem recuperar a tensão de infâncias que “deve estar de reserva no fundo do nosso ser para que a imagem de um poeta nos faça reviver subitamente as nossas lembranças” (Bachelard, 1988, p. 110). O mundo imaginado e compartilhado por Giacomitti pode ser contemplado por uma outra imagem, porque “outras imagens nascem da imagem primeira, reúnem-se, embelezam-se mutuamente” (Bachelard, 1988, p. 167).

A infância permanece em nós pelos profundos começos que vivemos, pela possibilidade de recomeçar, desaprender para aprender novamente, como faz Filomena ao interrogar a falta materna, pela incompletude deste encontro na vida. A menina

retorna a tensão da ausência para a infância que vive nela. Conforme Bachelard (1988, p. 119), revisitamos as “reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amar o mundo, a criar o nosso mundo”, ao tecer outra história, bordar outra memória.

Filomena, menina esperta, depois de muito enrolar,
tomou o fio pela mão,
fez novas cordas pro seu violão
e aprendeu a costurar
fez coleira pro cachorro... chamou a amiga pra brincar.
Através da diversão,
Fez do fio uma invenção
e não parou mais de criar (Giacomitti, 2021, p. 29).

Inventamos a vida ou a vida nos inventa?

Filomena faz da separação uma invenção, uma possibilidade, uma abertura para algo novo. Segundo Bachelard (1990, p. 71), “a claridade nasce depois desse caminhar na sombra”. Filomena não reprime seu sentimento de desamparo ao se deparar com a ausência de sua mãe, mas também, no amparo afetivo instalado no fio que as une, a menina permanece implicada em reimaginar, inventar. O comprometimento na construção de uma relação íntima e resiliente desde o nascimento permite a existência da tecitura de um potente fio entre ambas, tanto que Filomena soube o que fazer com o fio “ora todo embolado, / ora soltinho e engomado” (Giacomitti, 2021, p. 18).

Pôs-se no mundo a viajar,
construiu seu próprio lar,
era porque o fio existia que ela ia,
sabendo que podia voltar.

Cada uma em seu percurso,
construíram seus espaços,
e, a cada novo encontro no aconchego dos abraços,
o fio virava ninho, outras costuras e lindos laços! (Giacomitti, 2021, p. 30-33).

A infância não é uma lembrança, nem um desenho enrijecido. Na obra *O fio de Filomena*, compreendemos que a infância é um encontro que não termina de ser tecido e bordado pelo fio que traça um caminho a ser reconstruído, reiniciado. As lembranças renascem pelos nossos devaneios de infância, portanto, “a alma não vive ao fio do tempo. Ela encontra o seu repouso nos universos imaginados pelo devaneio” (Bachelard, 1988, p. 15). A inspiração para os devaneios são as imagens reimaginadas, a partir do mergulho no que há de mais profundo em nós, no que somos capazes de interrogar e, com certeza, naquilo que os escritores nos ajudam a criar.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Tradução de Norma Telles. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BRUNIERE, Lady. **Lady Bruniere Illustrator and Pattern Designer**. Disponível em: <https://ladybruniere.com/about-me>. Acesso em: 4 nov. 2024.

COLASANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

GIACOMITTI, Michele. **O fio de Filomena**. Curitiba: InVerso, 2021.

KOHAN, Walter. **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. Tradução Maria Ermantina Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

TECELÃS DE SUAS HISTÓRIAS, BORDADEIRAS DE MEMÓRIAS: RESENHA DO LIVRO "O FIO DE FILOMENA"

Weavers of their stories, embroideers of memories: review of the book "O fio de Filomena"

Carina Ferreira dos Santos

Mestre em educação
Psicóloga e Doutoranda em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul
Programa de Pós-Graduação em Educação
Santa Cruz do Sul, Brasil
carinafsantos@mx2.unisc.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7084-5867>

Ângela Cogo Fronckowiak

Doutora em Educação e Professora
Universidade de Santa Cruz do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Santa Cruz do Sul, Brasil
acf@unisc.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7949-2519>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Adriana Maria da Cunda Machado, 487, 96690-000, Pantano Grande, RS, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: C. F. Santos, A. C. Fronckowiak

Coleta de dados: C. F. Santos

Análise de dados: C. F. Santos

Discussão dos resultados: C. F. Santos, A. C. Fronckowiak

Revisão e aprovação: C. F. Santos, A. C. Fronckowiak

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste

periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 07-06-2024 – Aprovado em: 01-11-2024